

# Os banqueiros duvidam do sucesso dessa proposta

Após a explosão inicial de entusiasmo pelo Plano Brady, muitos banqueiros europeus e dirigentes de instituições internacionais afirmam em conversas particulares, que o plano do secretário do Tesouro americano gerou uma expectativa exageradamente positiva entre os países devedores.

"Espera-se por milagres na América Latina, mas de onde virá o dinheiro?" perguntou importante funcionário de um governo europeu. Ele falou pelo telefone de Paris, após um encontro, organizado pelo ministro das Finanças francês, Pierre Berégovoy, entre ministros da Fazenda de países latino-americanos e representantes dos bancos centrais europeus, FMI e Banco Mundial.

A grande preocupação do encontro de Paris foi que se Brady não anunciar rapidamente os detalhes mais importantes do plano, os países devedores interromperão o pagamento das dívidas.

Anunciado há duas semanas como uma série de "idéias e sugestões", o plano prevê a redução da dívida de 39 países com os bancos comerciais (assim como da taxa de juros) em 20% por um período de três anos. O débito seria reduzido principalmente devido à intervenção do FMI e do Banco Mundial, as duas maiores instituições credoras, que colocariam seus recursos à disposição dos bancos. Mas um alto funcionário do

Banco Mundial afirmou que "nossa instituição e o FMI podem realmente fazer uma contribuição significativa, mas não temos condições de fornecer a parte maior dos financiamentos adicionais necessários".

Um funcionário da Secretaria do Tesouro americano disse que "é natural que se exijam maiores detalhes do nosso plano. Qualquer iniciativa para a redução da dívida do Terceiro Mundo inevitavelmente produzirá um período de instabilidade. Esperamos que seja o mais curto possível".

Alguns banqueiros europeus são céticos quanto ao plano americano: "O que é preciso é que o FMI e o Banco Mundial coordenem o processo, e isto parece que não faz parte do projeto de Brady", afirmou um deles. A não ser que Brady identifique rapidamente a fonte dos recursos de sua proposta, o plano só funcionará, acreditam eles, para o México, e possivelmente, a Venezuela, mas não como uma fórmula geral.

Outro problema é que o plano desencorajará novos empréstimos por parte dos bancos comerciais. "Se os bancos têm de desprezar as reservas adicionais quando desvalorizam os empréstimos, como parte do plano de redução da dívida, não se verá dinheiro novo de sua parte por muito tempo. E sabemos que só a redução não é suficiente, a situação exige dinheiro novo também", disse um especialista.